

MARIA DA GLÓRIA

Isabel Stilwell

MARIA DA GLÓRIA
A PRINCESA BRASILEIRA QUE SE TORNOU
RAINHA DE PORTUGAL

a esfera  dos livros

Maria da Glória: a princesa brasileira que se tornou rainha de Portugal
Isabel Stilwell

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Editorial A Esfera dos Livros Lda., Lisboa, Portugal

© 2012, Isabel Stilwell
© 2012, A Esfera dos Livros

Todos os direitos reservados.

Revisão: Eurico Monchique

Revisão histórica: Ana Cristina Pereira

Imagens da capa e da contracapa: Corbis/VMC
Divisão de Documentação Fotográfica/IMC

Adaptação e revisão da edição brasileira: Rosana de Angelo e Patricia Weiss

Composição: Ida Gouveia /Oficina das Letras®

Grafia atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stilwell, Isabel

Maria da Glória : a princesa brasileira que se tornou rainha de Portugal / Isabel
Stilwell. -- São Paulo : Octavo, 2012.

ISBN 978-85-63739-46-9

1. Romance histórico português I. Título.

12-06876

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático: 1. Romance histórico : Literatura portuguesa 869.3

[2012]

EDITORA OCTAVO LTDA.
Rua dos Franceses, 117
01329-010 São Paulo SP
Telefone (11) 3262 3996
www.octavo.com.br

O C T  A V O

SUMÁRIO

NOTA DA AUTORA	11
I PARTE	13
II PARTE	157
III PARTE	305
EPÍLOGO	663
DRAMATIS PERSONAE	667
BIBLIOGRAFIA	681

*Ao meu pai, Francis, que me contagiou com o amor
à História e me ensinou a encontrar a magia das pessoas
nas pedras dos castelos, nas torres das igrejas, e em tudo o
que me rodeia, na esperança de que, lá do Céu, se orgulhe
tanto de ser meu pai, como me orgulho de ser sua filha.
Ao meu filho Francisco, herdeiro do nome do avô,
do seu código de Honra, e do fascínio por Sintra.
Que também ele me guarde para sempre no coração.*

NOTA DA AUTORA

Este livro é uma homenagem às cartas, esse objeto em vias de extinção que em tempos passados era a única e privilegiada forma de comunicação. De partilhar amores, quantas vezes clandestinos, trocar informações, contar alegrias e espelhar tristezas, matar saudades, mas também de definir estratégias políticas, de promover a guerra, ou saldar a paz.

É uma homenagem aos que escreveram estas cartas, deixando-nos bocadinhos das suas vidas, aos que as conservaram, intuindo que no futuro ajudariam a entender o passado, e àqueles que as descobrem, recolhem e publicam, permitindo-nos viajar no tempo.

Este romance tem como espinha dorsal as cartas de D. Pedro I e da arquiduquesa Leopoldina, imperadores do Brasil e pais de Maria da Glória, a protagonista desta história, de Leonor da Câmara, mestra da rainha, de marechais, duques, embaixadores e políticos, mas sobretudo a correspondência intensa entre D. Maria II de Portugal e a rainha Vitória da Inglaterra, unidas por uma enorme amizade que nasceu quando ambas tinham nove anos e se conheceram em Londres. Amizade que pautou as suas vidas, mas também ajudou a decidir os destinos de Portugal.

I PARTE

“A mamãe diz que nós, pobres princesas, somos apenas dados, que se jogam e cuja sorte ou azar depende do resultado. Será verdade, mas sinto-me mais confiante na sorte quando tenho perto de mim a marquesa de Aguiar. É a única que Domitília não tem sob o seu jugo.”

Maria da Glória

“Naquela noite, a imperatriz implorou-me para velar pela pequenina rainha. Temia que ficasse aqui esquecida no Brasil, relegada a um canto, sem que nada se fizesse para lhe dar o trono que era seu por direito. Hoje, amo-a como se fosse minha filha.”

Marquesa de Aguiar

Paço de São Cristóvão, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1826

Maria desceu as escadas a correr, o vestido de seda azul a tornar
 Mos seus olhos ainda mais azuis, e precipitou-se nos braços do
 pai, que a levantou como se fosse uma boneca:

– Maria da Glória, isso é maneira de uma rainha descer as escadas –
 repreendeu-a, esquecido de que só tinha sete anos, enquanto a pousava
 de novo no chão e lhe passava as mãos pelos cabelos arruivados.

Maria olhou para cima, subitamente nervosa. Estaria o pai a falar
 a sério? Ia zangar-se com ela? Com o pai nunca se sabia bem, tanto
 podia começar tudo como uma brincadeira, com afagos e abraços, e
 minutos depois transformar-se numa tempestade.

Mas os olhos do pai pareciam calmos.

– Papai, não me sinto ainda muito rainha, e de qualquer maneira
 aqui no Brasil sou só sua filha – arriscou.

O imperador deu uma gargalhada:

– A senhora Maria da Glória é tão bonita, que vai sempre conseguir
 fazer aquilo que lhe der na real gana, seja aqui no Brasil, seja lá em
 Portugal, não é, senhora marquesa?

Maria sentiu-se gelar por dentro. E, sem se virar para a entrada da
 sala, onde “ela” estava certamente, escondeu o rosto nas pernas altas
 do pai.

Pedro, no mesmo instante, irritou-se:

– E o que é que a menininha julga que está a fazer? Já cumprimentou
 a marquesa de Santos? – disse-lhe, colocando com força as mãos sobre
 os seus ombros e virando-a em direção à mulher que, para todos os
 efeitos, considerava a mais importante do país.

Maria sabia que não valia a pena fazer birra, nem bater o pé como fazia tantas vezes nos seus aposentos perante as criadas, que temiam contrariá-la, e, contrariada, deu a mão a beijar.

– Senhora marquesa...

Os seus olhos azuis faiscavam, ao ver a forma como o pai se aproximava daquela mulher, vestida com sedas e coberta de pedras preciosas, a tiara no cabelo a contrastar com o cabelo escuro, o corpete muito justo, o decote indecoroso. Já era suficientemente crescida para saber que uma senhora não se veste assim.

O pai parecia não dar pelo silêncio que se instalara naquela sala, pelo desconforto que a presença daquela mulher provocava no paço de São Cristóvão, que até deixava nervosos os guardas, fardados a rigor apesar do insuportável calor deste fim de tarde, um de cada lado da enorme porta de entrada, feita de pau-santo maciço pintado de verde-escuro.

– Maria da Glória, vou partir amanhã para Cisplatina, para dar ânimo aos nossos soldados, e os convidados estão quase a chegar para o beija-mão. Onde está a sua mãe?

Maria baixou a cabeça, assustada, ao perceber que o pai olhava as escadas de madeira encerada que davam acesso à ala do palácio que a imperatriz ocupava, como se esperasse vê-la descer a qualquer minuto.

– Não sei, senhor meu pai – respondeu, a voz trêmula, para acrescentar, ansiosa por se escapar dali:

– Mas se o senhor quiser vou procurar saber...

Não tinha dúvida nenhuma de que a mãe estaria a arranjar todos os pretextos, a demorar-se o mais que pudesse, tal o horror que tinha a estas cerimônias públicas, onde ultimamente o imperador impunha a presença da sua amante.

Pedro virou-se para Domitília de Castro e resmungou:

– Vou ver o que se passa, e você venha comigo, ou não é camareira-mor da imperatriz?

Maria entrou em pânico:

– Papai, não é preciso, está lá a marquesa de Aguiar, eu vou pedir-lhe que se apresse...

Mas o pai empurrou-a para o lado e subiu as escadas, aos dois degraus de cada vez, e, para horror da criança, a marquesa de Santos seguia-lhe os passos.

Maria percebeu que tinha de agir depressa. Partiu disparada em direção às cozinhas e começou a subir as escadas de serviço o

mais depressa que podia, o suor a cair-lhe pela face, ofegante, mas determinada a chegar aos aposentos da mãe antes que o pai, e aquela mulher, lá entrassem. Se ao menos chegasse a tempo de avisar a mãezinha...

Mas não chegou. Quando estendia a mão para a maçaneta de marfim da porta dos fundos do quarto da mãe, ouviu a voz do pai, forte e rouca. Chegara tarde demais. Deixou-se escorregar para o chão e sentou-se com a cabeça encostada à porta, o coração a bater descompassadamente.

– Pedro, quero essa mulher fora do meu quarto de vestir, neste segundo – gritava a mãe, e Maria nunca a ouvira tão zangada.

Domitília, aparentemente serena, procurava acalmá-la:

– Senhora D. Leopoldina, acalme-se, sou sua camareira-mor, vim apenas saber de si.

Para acrescentar, olhando de soslaio para Pedro, para medir o efeito das suas palavras no imperador:

– E não se agite, que pode fazer mal ao bebê que tem dentro de si...

Leopoldina ignorou-a, dirigindo-se de novo ao marido:

– Pedro, finjo que não vejo, não ouço, não sei; aceito que me mantenha presa na minha própria casa, protejo os nossos filhos desta vergonha, mas não tolero que venha aqui com essa mulher, pedir-me que vá abençoar a vossa relação... que aceite ir a esse beija-mão com ela de um lado, e eu do outro, como se fosse minha igual...

Maria tapou os ouvidos com ambas as mãos, as lágrimas a correrem-lhe pela face. Conhecia o pai. Não entendia como passava tão rapidamente do melhor ao pior dos homens, mas sabia que era isso que iria acontecer dentro de segundos. Sabia que o imperador não aceitaria que desafiassem a sua autoridade, não suportava ser contrariado, menos ainda perante a mulher que lhe virara a cabeça, como ouvia comentar às criadas, às aias, aos professores, e a toda a gente que a rodeava...

A voz do pai soou como a trovoadas sobre a mata de Itapagipe, como os relâmpagos que incendeiam o mar da baía, como a cachoeira quando nos chegamos tão perto dela que só resta o estrondo da água a cair.

– Em minha casa mando eu, na minha mulher mando eu. E eu ordeno que a senhora se vista e desça aos salões neste minuto.

Maria ajoelhou-se, juntou as mãos e sussurrou: “Mãe, diga que sim, mamãe, diga que sim, Nossa Senhora da Glória, vela pela minha mãezinha”.

Mas Leopoldina, a mão no ventre de uma gravidez adiantada, mantinha-se aprumada e decidida. Não podia esquecer que era arquiduquesa da Áustria, imperatriz do Brasil, a mulher legítima que em nove anos de casamento dera sete filhos ao seu senhor, e esperava o oitavo deste homem a quem se dedicara de corpo e alma:

– Pedro, estou indisposta, vou-me deitar, se me der licença...

Mas Pedro já não estava em si. As guerras, ganhava-as sempre, e Domitília não podia assistir a uma derrota.

– Não dou licença, não senhora – gritou. – Vai para baixo, e vai agora, nem que a arraste pelos cabelos.

Maria, do lado de lá da porta, enrolada sobre si mesma como um animal ferido, tapou a boca com a mão, para que os soluços não se ouvissem.

Mas Leopoldina não estava disposta a ceder. Não podia ceder.

– Chega, Pedro! Que se porte como um moço de estrebaria é triste, mas é um problema seu, mas eu sei de quem sou filha, e não me esqueço de que sou imperatriz do Brasil...

Maria não ouviu a resposta do pai, mas percebeu os empurrões, os gritos, os pontapés, o barulho da louça estilhaçada. Domitília implorava-lhe que parasse, mas já nem a voz da amante o pai conseguia ouvir.

Subitamente um estrondo, como o de um corpo que caía no chão, o grito de uma mulher, os passos do pai a afastarem-se, portas a abrirem-se e a fecharem-se.

Maria levantou-se de um salto, abriu a porta e correu para Leopoldina, que a custo se tentava levantar, mas já lá tinha chegado Francisca de Portugal e Castro, marquesa de Aguiar, e duas das suas damas, que a ajudavam a sentar-se na pequena poltrona. Era óbvio que, também elas, escutavam à porta da sala de costura e aguardavam uma oportunidade para vir em auxílio da sua senhora.

A imperatriz, o cabelo ruivo desalinhado, o braço direito caído sobre o colo como se estivesse inanimado, mantinha os olhos muito abertos, com medo de que as lágrimas não lhe obedecessem e insistissem em cair, ao som das pedras do colar partido que iam escorregando pelo vestido, e do vestido para o chão. A mão esquerda,

estendeu-a a Maria, que se agarrou a ela, aos prantos, enquanto dizia suavemente, tentando mascarar o tremor da voz:

– Filha, Maria da Glória, que nervosismo é esse? Caí, escorreguei no tapete, uma tontura maior por causa do calor, nada mais, estou bem, minha querida.

A marquesa de Aguiar insistiu:

– Senhora D. Maria, a mamãe caiu, acontece muito quando se está grávida, vamos deixá-la agora deitar-se e sossegar, vamos?

E enquanto a Rosa Cabocla entrava com um pano frio para lhe colocar na testa, e murmurava, no seu tom entoadado e calmo, “Vamos, senhora, vamos deitar”, a marquesa pegava na mão da rainha de Portugal e levava-a para longe daquele cenário macabro.

Maria tentou libertar-se, gritou que não deixava a mãe, mas a voz de Leopoldina chegou autoritária:

– Maria da Glória, vá mudar imediatamente de vestido, e desça rapidamente aos salões, que o seu pai vai querê-la ao seu lado durante o beija-mão!

A filha deixou-se arrastar, e Leopoldina, com o coração apertado, ficou a vê-la sair, a sua filha mais velha, a sua filha querida, a menina que corria mais perigo dos seus sete filhos, a rainha menina que precisava de toda a sua proteção. Mas como a defenderia, se a cada segundo lhe restavam menos forças? Cerrou os olhos com força e pediu, do fundo do coração, à Senhora da Glória que viesse em sua proteção.

O sol começava a descer, uma bola laranja no céu, feito maior agora que desaparecia por detrás da floresta cerrada de folhas e flores, imensas e garridas, que rodeava esta chácara transformada em palácio, distante trinta quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, o paço que Pedro e Leopoldina tinham adotado como casa há quase uma década.

Os criados fardados de verde e amarelo, as cores da recém-criada bandeira da nação brasileira, abriam os pórticos e as janelas para os terraços, onde os convidados esperavam o início da cerimônia do beija-mão, que o imperador voltara a instituir. A notícia já corria de boca em boca, de que D. Pedro tivera mais uma cena violenta com a pobre imperatriz, e houve quem jurasse que se recusaria a beijar a mão ao rei se “aquela” mulher estivesse ao seu lado, mas a verdade era que há já algum tempo que a corte entendera que se era para conseguir

favor para os seus negócios, não havia mesmo outro remédio senão falar à “sujecinha”, como se fosse a primeira-dama do país.

Maria circulava entre eles, sem sombra exterior do que se passara, e estendia a sua própria mão a quem a quisesse beijar, com a naturalidade de quem já há muito tornou mecânico este gesto.

No terraço, a imensa gaiola cheia de papagaios e pássaros, que Leopoldina trazia dos seus passeios pelas matas, atraía a atenção dos embaixadores e recém-chegados a terras do Brasil, fascinados com aquelas misturas de cores, que deixavam as espécies europeias tão pálidas e sem graça. Maria aproximou-se e deixou que o encarregado de negócios da Casa da Áustria a cumprimentasse, mas quando o barão de Mareschal lhe perguntou onde estava a mãe, tossiu e respondeu, na sua voz de criança que tenta a todo o custo ser crescida:

– Já viu o papagaio amarelo-enxofre que a mamãe trouxe da sua última viagem, e que vai mandar para o avô Francisco?

O diplomata compreendeu que evitava a pergunta, e entrou no jogo:

– Já vi, sim, Sua Alteza, e estou a tratar do seu envio para a Áustria, conforme pedido da senhora imperatriz.

Maria endireitou as costas e, com toda a dignidade, acrescentou:

– Veja lá se não se perde pelo caminho como tantas outras coisas que a mamãe manda para a família, sobretudo para a querida tia Luísa. Ela faz mesmo questão que este papagaio chegue ao destino...

Mareschal deixou a cabeça pender numa suave vênica, e Maria afastou-se, antes de ouvir a resposta.

Pobre criança assustada, pensou, dentro de meses será enviada para Portugal, já casada com um tio que lhe tem sido pintado como mulhengo e odioso, ainda mais por decisão do seu pai, que por um lado fala do “mano” com toda a nostalgia de uma infância comum, mas por outro não se cansa de acusar o irmão Miguel de ter envenenado o próprio pai, o rei D. João VI, que há uns meses morrera em Lisboa. Olhou de novo para a pequena Maria da Glória, tão parecida com a imperatriz, e jurou a si mesmo que faria tudo para que fosse enviada, antes de mais nada, para a corte da Áustria, para casa do avô Francisco, que veria nesta sua neta a imagem da filha que partira há anos, e que perdera, pela distância, pelas ideias liberais, por tanta coisa mais...

“A disciplina da minha terra havia de polir o despotismo de uma menina habituada a dar ordens a criados e escravos”, murmurou para si mesmo.

Mas quando levantou a cabeça e cumprimentou o embaixador francês que se aproximara, certamente para trocar intrigas, o seu sorriso era o de um diplomata.

O trono, de talha dourada e forrado a veludo carmim, estava colocado no centro da grande sala. Como era imponente o seu pai, aprumado, o cabelo e as suíças aloiradas pelo sol, a pele tisonada pelas horas passadas a cavalo, hoje fardado a rigor, a faixa azul a cruzar-lhe o peito, as medalhas ganhas em combate na lapela larga, os sapatos que de tão engraxados pareciam um espelho. Do seu lado direito estava a marquesa de Santos, impávida e serena, como se não se tivesse passado nada, empinando a barriga para mostrar que também ela estava grávida do imperador, o sorriso pronto para quem a bajulava, elogiava o seu vestido ou o diamante magnífico que caía sobre os seus seios que não tinha pudor em mostrar, ou para aqueles que lhe davam duas palavrinhas em que deixavam cair um ensejo ou um pedido a que prometia atender. Do lado esquerdo do pai, a pequenina rainha de Portugal, D. Maria II, ia recebendo os cumprimentos, e percebia, com um aperto indefinido na garganta, como todos iriam esquecer depressa a sua mãe, como todos, de forma mais ou menos ostensiva, estavam dispostos a vergar-se perante quem detinha o poder. O poder conquistado por sangue ou astúcia, mas, no caso de Domitília, por bruxaria, como jurava a ama Florica, que bem lhe explicara como uma mulher pode enfeitiçar um homem com poções cozidas na profundidade das matas, em que cabelos e cascas de árvores sagradas se juntavam à baba de salamandras e a veneno de hera, deixando-o louco e escravo. Por que é que a mamãe não encomenda uma poção igual à desdentada da Maria Guadalupe, que é bruxa do demônio com certeza absoluta?, lembrava-se de ter perguntado então. Mas recebera, de resposta, apenas um encolher de ombros da ama, que por essa altura já se arrependera de ter falado demais. Mas Maria não esquecera: com certeza era isso, o pai nunca faria mal à mãe se não estivesse sob o poder de algum feitiço...

Queria muito ir saber da mãe, aninhar-se na sua cama, certificar-se de que estava bem, mas não se atrevia a mexer-se nem um centímetro, com medo de que o pai voltasse sobre si a sua fúria, de novo escondida sob um manto de charme e simpatia. Olhou pela janela para se distrair, e lá fora, debaixo da árvore-do-fogo, com os seus ramos vermelhos, brincavam as manas Januária e Paula, observadas pela

mana Francisca, a sua querida Xica, com os seus dois anos precoces, pela mão de uma criada. Pelos gestos percebia que troçavam de Isabel Maria, uma menina pouco mais velha do que Xica, cabelos mais escuros do que o de todas elas e que, chorando, pedia colo à ama, sem nada perceber, mas intuindo certamente a hostilidade com que as outras crianças a tratavam. Não as conseguia ouvir, mas estava certa de que a acusavam de ser bastarda. Fora colocada no paço à força, com o título de duquesa de Goiás, de que até os criados riam à socapa. Maria também odiava a sua presença, sentimento reforçado todas as manhãs quando o pai pegava a criança no colo, antes de cumprimentar qualquer uma das filhas, tratando-a por “a minha Bela”, como se ela fosse uma delas. Sim, porque a dita Bela, pensou Maria com sarcasmo, repetindo para si mesma as frases ouvidas sorrateiramente aos adultos, não passava de um “fruto do pecado”, filha de uma mulher de “sangue impuro e sem berço”, que não tinha lugar nos aposentos das infantas do Brasil.

Por segundos Maria cruzou os olhos com a amante do pai, e percebeu que também ela entendera o que as manas estavam a fazer à sua filha. Daqui a pouco, quando se queixasse ao pai de que a Isabelinha era alvo da troça das filhas de Leopoldina, haveria nova discussão. E mesmo que não tivesse dado por nada, uma das espias de Domitília ou um dos capangas do pai, que os farejavam a todos como cães perdigueiros, contariam o sucedido à mamãe Titília, que por sua vez faria a cabeça do imperador, que, agindo como um fantoche, viria pedir contas à imperatriz, a sua adorada mãezinha, que era obrigada a suportar tudo isto em silêncio. Decididamente, outra cena se avizinhava, suspirou Maria. Quantas mais aguentaria a sua pobre mãe?, deu por si a pensar, angustiada.



Sou Maria Francisca de Portugal e Castro, marquesa de Aguiar. Recolho-me ao quarto, e procuro na escrita a liberdade que não tenho nos corredores estreitos do paço, onde as paredes têm ouvidos e não há ninguém em quem possa confiar. Triste sorte a minha, a de uma mulher de 44 anos, viúva e com poucas posses, obrigada pelo ofício a permanecer neste paço, onde Domitília de Castro tem espões, prontos a denunciar quem não lhe preste vassalagem, quem de algum modo se oponha à forma vergonhosa como estendeu os seus tentáculos por esta casa, por entre as próprias damas nomeadas por seu favor, e por este reino. José

Bonifácio, o pai deste Brasil independente e livre, e o grande amigo da minha querida imperatriz, que sirvo com amor e lealdade, sabe bem o preço que teve de pagar por se recusar a vergar-se ao seu poder, e se nem ele conseguiu levar o imperador à razão, se nem o embaixador da Áustria foi capaz de o fazer obedecer às mínimas regras de decoro, como poderia eu alguma vez imaginar-me capaz de defender a minha senhora? Ou os seus filhos!

Mas desta vez D. Pedro foi longe demais. Bateu na mulher, grávida de um filho seu, como um vulgar carroceiro, mostrando, mais uma vez, que é incapaz de controlar o seu gênio, que não aceita ser contrariado, que não passa de uma criança grande a quem faltou disciplina e educação. E sei do que falo, porque o vi nascer e crescer, dama da sua mãe, agora camareira da sua mulher.

Quando entrei no quarto de vestir, a senhora D. Leopoldina estava atirada ao chão, e a infanta D. Maria da Glória agarrada à mãe, num pranto sem fim. A imperatriz ordenou-me que a levasse dali, e depois de a entregar à ama para que a vestisse de novo, e a enviasse para o salão do beija-mão, voltei para cima o mais depressa que pude. A Rosa já a deitara na cama, fechara as cortinas, e estava a colocar-lhe panos de água fria na testa. Disse-me que a imperatriz não deixava chamar o médico, mas chamei-o eu, pobre homem, que fingiu acreditar que a imperatriz caíra sem que ninguém a empurrasse, e lhe receitou um calmante, e que se cobrissem as negras (os dedos da mão do imperador marcados naquela pele branca como uma marca indelével) com panos de ervas que, garantiu, aliviam as dores e ajudam a absorver o sangue pisado.

Mas a imperatriz não estava preocupada consigo mesma. Colocava a mão na barriga e perguntava se o bebê estaria bem. Deus sabe, e eu também, embora nunca mo tenha dito, que não queria engravidar deste filho, oito gestações em tão poucos anos, tão cedo depois do nascimento do pequenino D. Pedro, que só agora vai fazer um ano. Mas agora que tem bem consciência de que Domitília procura engravidar sempre em simultâneo, numa concorrência maldosa que choca qualquer espírito cristão, não podia recusar-se ao imperador, procurando pelo seu estado interessante provar ao mundo que o marido ainda a procura, que é do seu ventre que nascem e continuarão a nascer os herdeiros legítimos do Império.

O médico acenou com a cabeça, preocupado, mas sossegou a imperatriz, fez o que pôde, disse-lhe que os próximos dias iam ser decisivos, recomendou-lhe descanso. Mantive-me na sombra das cortinas, o suor a cair-me pelo rosto, maldito calor, as vozes dos convidados a chegarem alegres e descontraídas, como se ali ao lado não estivesse, de corpo e coração despedaçados, a imperatriz bem-amada do Brasil.

Dormiu um pouco, ou dormitou, e mantive-me ali, até que acordou e chamou pelo meu nome.

– D. Maria Francisca, ainda está aí? – perguntou, naquela sua voz suave, num português de que nunca fugiu o acento do seu país natal, a Áustria tão amada, que recorda emocionada a todas as horas.

Cheguei uma cadeira e dei-lhe, pela minha mão, o caldo de galinha que a Rosa deixara na mesinha ao lado da cama. Comeu duas ou três colheres, para depois exclaimar:

– Como é que chegamos a isto, D. Maria Francisca?

Não sabia o que queria que lhe respondesse, e o que podia responder eu, sem risco de falar demais?

– Iludi-me. Julguei que se o ameaçasse com a decisão de partir para casa do meu pai, de procurar refúgio, para mim e para os meus filhos, na minha Áustria natal, ou junto da minha adorada irmã Luísa, que ele entenderia que tinha de deixar essa outra mulher, ou pelo menos manter em segredo essa relação, como faz com todas as outras...

Continuava calada, enquanto ela, num sussurro cansado, acrescentava:

– Subestimei o poder dela, subestimei a teimosia dele. A única coisa que mudou no dia em que lhe fiz frente, em que lhe recordei que era, antes de mais nada, arquiduquesa da Áustria, e ameacei partir, foi a minha vida. Hoje sou prisioneira de Pedro, assustado com a ideia de que pudesse realmente escapar-lhe, com o medo de que transmitisse aos embaixadores, e através deles ao meu pai e à Europa, o sofrimento em que vivo. Que todos ficassem a conhecer o caráter do imperador do Brasil...

Suspirou. E quando retomou o discurso era outra, quase sorrindo, meiga, apaixonada, meu Deus, como é cego o coração de uma mulher:

– Não é o Pedro que é mau, D. Maria Francisca. É infantil, imaturo, caprichoso, nunca ninguém lhe fez frente, mas quando se arrepende chora como uma criança, e se não me ama – que isso sei bem que não, e à minha custa –, também não me humilharia desta forma se ela fosse mais senhora, se ela não exigisse tudo. Mas ela quer títulos, palácios, e o meu lugar. Hoje ficou claro que sonha ser imperatriz do Brasil.

Tapei a boca com a mão, em genuíno terror. O que seria dela, das princesinhas, do pequenino imperador, se assim fosse? O que seria de mim, de nós, do Brasil?

Encontrei as palavras, e sosseguei-a:

– Isto passa, senhora D. Leopoldina, isto vai passar, sabe como é o senhor D. Pedro...

– Mulherengo? Capaz de engravidar qualquer jovem mocinha que se cruze no seu caminho, e chegar a casa, triunfante, com o bastardinho no colo, troféu da sua virilidade? Mais um Pedro de Alcântara Brasileiro?

Nunca, mas nunca, a minha senhora havia falado assim. Olhei-a em horror e silêncio. Era tudo verdade, nem valia a pena procurar negá-lo, mas a senhora D. Leopoldina nunca falava de forma tão direta, tão crua, era certamente o soporífero que lhe soltava a língua e lhe permitia fazer estas confidências.

– Não vale a pena fingirmos que não sei, ou que não vejo. Pobre Isabel Maria, que culpa tem a criança que paga os erros do pai, os pecados da mãe? O imperador pode dizer com verdade que até me pediu, exigiu, o consentimento para colocar a criança junto dos meus filhos, sacrifício supremo que fiz por ele, mas agora tenho medo, senhora marquesa, tenho medo do que esta mulher fará aos príncipes, ao meu pequenino Pedro, se não estiver aqui para o defender...

Cansada pelo esforço, caiu sobre os almofadões, a mão no estômago “que arde como fogo”, murmurava.

Adormeceu de novo, abençoado remédio, e ouvi os passos dos cavalos e as rodas das caleches, à medida que o paço ia ficando vazio de convidados e a noite descia rápida sobre nós. Escutei, neste paço onde as paredes deixam ouvir tudo, o imperador a dar ordens aos criados, ouvi-o partir, certamente para passar a noite com “ela”, sem que viesse bater à porta e indagar pela sorte da sua pobre esposa, tentando de novo obter o perdão sempre garantido, que lhe permitiria partir com a consciência tranquila.

Fui ficando ao seu lado, a ler sob a luz da vela que a Rosa me trouxe, e ali ceei uma sopa rápida, sem a querer deixar. Adormeci.

Já passava das dez quando a imperatriz acordou de novo, encharcada em água, o corpo tomado por arrepios, vômitos que a deixavam sem fôlego:

– Marquesa, o imperador foi dormir fora? – perguntava, e eu sem saber o que responder, o meu silêncio a dizer tudo.

Perdeu a calma, agitou-se na cama, atirou para longe os lençóis que a cobriam, pediu que lhe pusesse a imagem de Nossa Senhora da Glória mais perto da cama, numa mesinha com uma vela, a “senhora que deu o nome à minha Maria”, dizia, e da mesinha de cabeceira tirou o medalhão com o retrato e o cabelo da sua querida irmã Maria Luísa, a irmã mais velha que lhe tem servido de âncora nestes anos, e já são tantos, de infelicidade. E chorou.